

## MULHERES NEURODIVERSAS NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE PERFIS DO INSTAGRAM<sup>1</sup>

Júlia Soares Rodrigues <sup>2</sup>  
Kenitt Oliveira da Silveira <sup>3</sup>  
João Carlos Rodrigues da Silva <sup>4</sup>

### RESUMO

As redes sociais, especialmente o *Instagram*, têm-se mostrado uma ferramenta poderosa para disseminação de informações e compartilhamento de experiências pessoais. Este estudo investiga como mulheres diagnosticadas tardiamente com Transtorno de Espectro Autista (TEA), utilizam essa plataforma para construir e compartilhar suas identidades e suas representações. Os objetivos são analisar como se dão os compartilhamentos de postagens de mulheres autistas no Instagram, e compreender a construção de suas representações e identidades a partir dos relatos pessoais e comentários de seguidores. Para isso, foram selecionados dois perfis: um de uma mulher branca, nordestina, diagnosticada com TEA em 2021, e outro de uma mulher negra, paulista, diagnosticada em 2020. Ambos são de mães de crianças com TEA, o que acrescenta uma camada adicional de complexidade às suas narrativas. A metodologia utilizada inclui a análise qualitativa das postagens e comentários dos perfis, considerando aspectos como a frequência de postagens, o engajamento dos seguidores e o conteúdo compartilhado nos *stories* e destaques. A análise busca identificar as pedagogias culturais presentes nas postagens e como estas influenciam na construção das identidades das mulheres e de seus seguidores. Os resultados preliminares indicam que as postagens nos perfis analisados não apenas compartilham experiências pessoais, mas também oferecem suporte e informações para outras mulheres na mesma situação. Observa-se a presença de uma pedagogia implícita, onde as experiências compartilhadas “educam” os seguidores sobre as nuances do diagnóstico tardio de TEA em mulheres. Além disso, os comentários dos seguidores revelam uma comunidade de apoio e troca de informações que fortalece e influencia as narrativas dessas mulheres. A relevância desta pesquisa reside na contribuição para a compreensão das representações e identidades de mulheres com TEA nas redes sociais, destacando que os espaços virtuais constroem representações a partir do consumo do conteúdo publicado.

**Palavras-chave:** Artefato cultural; Redes sociais; Instagram; Autismo; mulheres neuroatípicas.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, temos testemunhado a evolução tecnológica, que trouxe para muitos a chamada “A era da Informação”, tão falada e tão tensionada pelos estudiosos e pela sociedade. Há quem defenda que, nesses tempos, tempos de informações rápidas, o

---

<sup>1</sup> Este artigo traz parte da análise de uma pesquisa de Mestrado em Educação realizado na Universidade Luterana do Brasil.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil - RS, [profajusoares@gmail.com](mailto:profajusoares@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestrando pelo Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil - RS, [kenitt.oliveira@gmail.com](mailto:kenitt.oliveira@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutor pela Universidade de Brasília - DF, [profjocarlos@gmail.com](mailto:profjocarlos@gmail.com).



conhecimento é transitório e, em tempos de tantas *fake News*, não há verdades absolutas. Também há quem defenda esse movimento como um colaborador no sentido de ser ponte de formação e um canal facilitador da disseminação de informações e até uma forma de encurtar distâncias entre as pessoas, mesmo que virtualmente. Em sua obra *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*, Castells (2003) argumenta que os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos e a produção social é estruturada culturalmente, e por isso a Internet não seria uma exceção a essa regra. Ele prossegue defendendo que “a cultura dos produtores da Internet moldou o meio. Esses produtores foram, ao mesmo tempo, seus primeiros usuários. No entanto, no estágio atual de difusão global da Internet, faz sentido distinguir entre produtores/usuários e consumidores/usuários” (Castells, 2003, p. 41).

O crescimento acentuado de comunidades cibernéticas alterou rotinas e mudou a vida de muitas pessoas ao redor do mundo. As redes sociais surgiram em 1994, mostrando ao mundo seus primeiros traços. Serviços eram e ainda são cada vez mais anunciados com foco voltado para a conectividade entre pessoas, dando a liberdade para que seus adeptos personalizassem suas experiências *online*, publicando conteúdos pessoais e interagindo com pessoas que tivessem interesses em comum, alterando seus conteúdos a partir dos comentários nessa codependência de produtor de conteúdo e de seguidores.

Uma dessas redes que cresceu numa velocidade de acesso gigante foi o *Instagram*. Essa, importante frisar, é a quarta rede social mais popular do mundo, com cerca de 2 bilhões de usuários ativos mensalmente (Spadoni, *on-line*, 2023).

O *Instagram* chegou ao Brasil na década passada, e pesquisas apontam que o país está entre os que mais acessam a rede social desde 2015. Essa facilidade de acesso e esse meio de ligação, mesmo que virtual, entre as pessoas em uma coletividade formam comunidades que compartilham, influenciam e constroem sentidos comuns. Assim, o movimento da neurodiversidade<sup>5</sup> foi mais um que lançou mão dessa ferramenta para divulgar e compartilhar conteúdos voltados para suas demandas. Esse movimento utiliza-se desse e de outros canais para informar, “vender” produtos com imagens ou com *slogans* curtos e, às vezes, recorrem à experiência pessoal ou de terceiros para dar visibilidade ou até veracidade ao que anuncia.

Vale salientar que o *Instagram* é uma rede social principalmente visual e nela o usuário pode postar vídeos, fotos, aplicar efeitos e interagir com outras pessoas com comentários e

---

<sup>5</sup> Conceito proposto por Judy Singer em 1998. O indivíduo neurodivergente apresenta funcionamento neurocognitivo atípico, ou seja, um funcionamento fora da média esperada. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/o-que-e-neurodiversidade.htm>. Acesso em: 21/10/2024.



curtidas, enfim interage-se virtualmente com o público (Spadoni *on-line*, 2023). O *Instagram*, como artefato cultural, pode ser analisado porque atua na formação das subjetividades, seus usuários produzem discursos e representações que ensinam modos de ser e de viver no mundo. Participar de comunidades virtuais, criar canais e perfis no *Instagram* permite a circulação de temas de interesse mútuos, assim como o movimento da neurodiversidade, já mencionado anteriormente, por exemplo, que, conhecido e difundido a partir de 1990, circula entre tais comunidades *online* permitindo a construção de diferentes narrativas, reivindicações, levante importante de bandeiras, construindo significados em torno desse tema. E é nesse contexto que se insere esta pesquisa, na qual analisei perfis do *Instagram* de duas mulheres com diagnóstico tardio de TEA, as quais utilizam esses perfis como canal de comunicação e de informação.

Para proceder tal análise, uma indagação precisava ser respondida: como as narrativas postadas no *Instagram* constituem um modo de ser mulher com diagnóstico tardio de TEA e que interações essas mulheres desenvolvem naquele espaço?

Para responder ou explicar essa questão, estabeleci um objetivo geral de pesquisa, que foi analisar como se constroem representações em postagens de mulheres com TEA em dois perfis no *Instagram* e como se dão as interações delas com seus seguidores. Para a consecução desse, delineei os objetivos específicos: descrever como se dá o compartilhamento de informações de mulheres com TEA nos dois perfis no *Instagram*; investigar como as postagens que circulam nos dois perfis constroem as representações dessas mulheres e; examinar como os seguidores interagem com as postagens e como se identificam com elas.

Essa pesquisa surgiu do meu interesse em adentrar um pouco nas relações estabelecidas no mundo virtual a partir do entendimento que as relações mediadas pelo computador são fecundas para se construir significados a partir do que produzimos e do que consumimos das redes sociais.

A pesquisa que realizei é relevante na medida em que contribui para a compreensão mais aprofundada das representações e da construção de identidades intermediadas pelas redes sociais, principalmente no que se refere ao tema central, que trata da representação de mulheres com diagnóstico tardio de TEA, entendendo que essas representações dão sentido às práticas sociais e “educam”, ou seja, não se educa apenas em escolas, mas em diferentes espaços, como nos virtuais, por exemplo.

## METODOLOGIA

Uma metodologia de pesquisa é sempre um *como* fazer, um método, daí a razão de serem uma ação essencialmente pedagógica os caminhos que trilhamos, as formas como conduzimos, porém, quando tratamos de pesquisas sob a ótica dos Estudos Culturais, dentro de uma vertente Pós-crítica, podemos dizer que a metodologia pode e deve ser construída na investigação, de acordo com as perguntas formuladas durante todo o processo (Meyer e Parayso, 2014).

A análise cultural utiliza diferentes campos teóricos e metodológicos. Comum aos Estudos Culturais, esse tipo de análise ganha destaque por dar visibilidade a relações que são invisibilizadas nas análises tradicionais e comumente não vistas nas academias. De acordo com Steffen, Henriques e Lisboa-Filho (2000), essa metodologia permite uma investigação no contexto envolvendo aspectos sociais, políticos e econômicos, evidenciando a interdependência da mídia nessas instâncias e em outras da sociedade, considerando a cultura como a articuladora motriz e dinâmica da totalidade social. Portanto, pesquisadores que utilizam a análise cultural entendem que, a partir da análise da cultura e da mídia de determinado tempo e espaço, pode-se compreender a situação política daquele contexto, já que estamos envoltos em espaços nos quais a comunicação cada vez mais é mediada pelo computador e pelas redes sociais virtuais.

Já a Netnografia é uma metodologia de pesquisa qualitativa que tem ganhado grande relevância nos estudos contemporâneos de cibercultura e redes *on-line* (Kozinets, 2014). Ela surge como uma adaptação da etnografia tradicional para o ambiente digital, respondendo às transformações trazidas pela internet e pela interação em redes sociais, fóruns e outras formas de comunicação mediada por computador.

Em sua essência, a Netnografia procura entender as dinâmicas culturais em espaços *online*, oferecendo uma abordagem para analisar comportamentos, valores, símbolos e práticas que emergem nas comunidades virtuais.

Essa pesquisa foi realizada com publicações e comentários de dois perfis do *Instagram*. Decidi selecionar os perfis por se tratar de usuárias atravessadas por diferentes marcadores sociais: mulheres, ambas com filhos com TEA, com diagnósticos tardio, uma negra, outra branca, uma nordestina a outra paulista, com demandas semelhantes, mas com abordagens nas postagens diferentes. Quanto aos objetivos, esta pesquisa classifica-se como descritiva, uma vez que o objeto já é teoricamente conhecido, por se tratar de perfis públicos disponíveis em rede social de alcance mundial, mas eu, realizando a pesquisa, buscarei novas interpretações e novos olhares.



Comecei a seguir os perfis no dia 26 de novembro de 2023, entretanto as capturas da tela iniciaram-se a partir de 24/03/2024. Optei por não participar das discussões suscitadas nos perfis, para não haver, mesmo sem intenção, interferência no conteúdo das donas dos perfis tampouco nos comentários dos seguidores. Para a análise, optei por recortes específicos de tempos e de formas de postagens. Os **destaques** surgiram em 2018. Eles permitem que pessoas e ou empresas fixem, em seus perfis, os *stories* mais importantes pelo tempo que desejarem, chamando atenção para quem entra pela primeira vez, já que a publicação nos *stories* tem curta duração. O destaque inicial de cada perfil foi analisado por ser a “porta de entrada” no perfil.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos tempos, especificamente, a cultura ocupou um papel importante nos estudos nas ciências sociais e, com o advento dos Estudos Culturais, nos anos de 1960, com a chamada ‘virada cultural’, o conceito de cultura impactou a vida acadêmica, abrindo maior espaço para esse campo. A cultura, naquele contexto, deixava de ser, gradativamente, domínio da elite e passava a contemplar o gosto das multidões e é ali que ela ganha sua flexão plural – *culturas*, seguidas por adjetivo, e passa a incorporar diferentes possibilidades de sentido (Costa, Silveira, Sommer, 2003, p. 36). Essa amplitude de sentido possibilita-nos referir a diferentes culturas como culturas juvenis, culturas surdas, culturas indígenas, cultura digital e tantas outras diversas e infindas que esse conceito comporta.

Portanto, o projeto inicial dos Estudos Culturais surge exatamente em meio às movimentações de grupos sociais, de intelectuais que “buscavam se apropriar de saberes conceituais e ferramentas ansiando por uma cultura pautada em oportunidades democráticas e no livre acesso à educação” (Costa, Silveira, Sommer, 2003, p. 37). Nesse contexto os Estudos Culturais passaram a ser ponto de tensão e de reflexão na vida acadêmica e política naquela época, época de grandes mudanças históricas e políticas. De lá para cá, esse campo de pesquisa ganha força à medida que questiona as verdades, tensiona os debates, quebra as metanarrativas e faz um convite para que pensemos de forma contextual, principalmente quando nos deparamos com a difusão de informações mediadas pelas mídias.

Pensar a cultura sob a ótica dos Estudos Culturais é pensar a cultura de forma mais ampliada, com amplitude maior de possibilidades Costa, Silveira e Sommer (2003). Nesse entendimento, o conceito de cultura se expande e a cultura assume um papel constitutivo em todos os aspectos da vida social, deixando de ser visto e entendido com viés de preconceitos,



de elitismos, de distinção e de hierarquias. A cultura como discussão central ocupa lugar de destaque como constituidora de práticas sociais perpassando todos os aspectos da nossa vida.

Nesse sentido, a cultura assume um papel constitutivo em todos os aspectos das práticas sociais. Essa centralidade atribuída à cultura, essa “virada”, muda e dinamiza o novo milênio. De acordo com Hall (1997, p. 4), “Queiramos ou não, aprovemos ou não, as novas forças e relações postas em movimento por esse processo estão tornando menos nítidos muitos dos padrões e das tradições do passado”. Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio. E foi especialmente na chamada pós-modernidade que estudiosos trouxeram à tona discussões acerca das práticas socioculturais e debates sobre como a cultura interfere na forma como compreendemos o mundo, na forma como nos relacionamos com o outro e até com nós mesmos. Essa compreensão coloca o ser humano em constante movimento, numa constante construção de significado a partir das mudanças ocorridas na sociedade, pois, de acordo com Hall (2022, p. 13), “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Em síntese, a emergência dos Estudos Culturais trouxe novas luzes de análise para artefatos culturais até então considerados como algo neutro, ou seja, sem interferência na cultura, na construção de significados e na prática social. A representação é um conceito fundamental para operar nas análises dentro do campo dos Estudos Culturais. A representação, segundo Hall (2016, p. 30), “é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e partilhados entre os membros de uma cultura”.

Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que representam ou significam objetos”, dessa forma, a representação tem três abordagens: uma é a abordagem reflexiva, o que quer dizer que a linguagem, seja ela qual for, reflete um significado já existente. A outra trata da abordagem intencional. Nessa abordagem, a linguagem reflete intencionalmente o que o produtor de conteúdo, pintor, enfim, o que quer ser transmitido para o espectador/consumidor. Já a última abordagem, essa com aproximação estreita com os Estudos culturais, a construtivista, defende que a representação se constrói na linguagem e por meio dela (Hall, 2016). Nessa perspectiva, não existe significado fixo ou real até ser representado, assim a representação muda ou distorce o sentido. Outro conceito importante no campo dos Estudos culturais é a identidade. Para Woodward (2014), a identidade é relacional porque, para existir, depende de algo fora dela, ou seja, de outra identidade, de uma que difere, de uma que ela não é, mas que fornece condições para que a identidade exista. Ainda segundo ela, a identidade é marcada pela diferença, que apresenta problemas por ser sustentada pela



exclusão. A identidade, assim, é marcada por meio de símbolos porque existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa, um significante da diferença e da identidade.

Nesse sentido, essa marcação simbólica constroi a identidade tanto por meio desses símbolos quanto nas práticas sociais e tendem a construir posições-de-sujeito de acordo com concepções e cenários estabelecidos. Para Woodward (2014, p. 18), a mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular. Isso se evidencia quando constroem identidades, como, por exemplo, “o trabalhador em ascensão” ou “a mãe sensível”. Os anúncios, as peças publicitárias e as postagens de apelos midiáticos são eficazes no seu objetivo de nos vender coisas se tiverem apelo para os consumidores e se fornecerem imagens com as quais eles possam se identificar. É claro, pois, que a produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas. Ainda conforme Woodward (2014, p. 40), “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade nessa perspectiva não é o oposto da diferença, mas é dependente dela. Além de serem interdependentes, identidade e diferença são o resultado de atos de criação a partir das práticas de significação. Isso significa dizer que ambos não são provenientes da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estão à espera de serem descobertas ou até reveladas, respeitadas ou toleradas. Com isso, entendemos que elas não são do mundo natural, mas do mundo cultural e social e que têm estreita relação com o poder. Na verdade, somos nós que as fabricamos e são construídas no contexto de relações culturais e sociais. Para Silva (2016, p. 81), “A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”.

Os deslocamentos dos conceitos de pedagogia e de cultura são produtivos para pensar na contemporaneidade, nas múltiplas formas de viver e de ser no mundo mediado pelas práticas sociais. A partir dessas articulações foi possível, na década de 90, aqui no Brasil ter-se o entendimento do que são as pedagogias culturais. Costa e Andrade (2015, p. 849) destacam que “[...] o conceito de *pedagogias culturais* tem sido mais uma ferramenta importante para que pesquisadores articulem cultura, educação e comunicação em estudos que visam problematizar a fabricação de sujeitos do tempo presente [...]”.

E foi nesse contexto que, de acordo com Andrade e Costa (2017, p. 2), há aproximadamente 20 anos começou a circular no Brasil, no meio acadêmico, o termo *pedagogia cultural*. O termo surge dentro da bibliografia traduzida referente aos Estudos Culturais em





Educação, campo que aguça olhar, desorganiza pensamentos, redefine rotas e amplia a visão de espaços de aprendizagem para além da escola, da família e da igreja. Conforme Andrade e Costa (2017), em um processo de educação permanente, diferentes instituições e espaços estão ativa e profundamente implicados com práticas e experiências que visam ensinar algo.

Esses espaços, onde as relações de ensino e de aprendizagem são reguladas pela cultura, são espaços de aprendizagem, sendo a pedagogia a principal articuladora. Ainda segundo Andrade e Costa (2017), a pedagogia desses lugares provoca nos sujeitos, movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos quanto em relação aos outros e ao mundo.

Cada vez mais presente no cenário atual, os produtores de artefatos utilizam a mídia, redes sociais e até influenciadores para adentrar nos diversos espaços, a fim de que as crianças e os jovens satisfaçam seus desejos a partir do consumo. Esses meios, enfim, disseminam padrões, transformando em pedagógico os espaços ocupados.

As pedagogias culturais operam de diferentes formas no campo da pesquisa, como a vinculação estreita entre mídia e consumo como modo de operacionalização dessas pedagogias. Nesse contexto, pesquisadores apontam estratégias que colocam em articulação variados artefatos culturais para direcionar consumidores para os produtos que são veiculados e de maneira sedutora conclamam pelo consumo com produtos para seduzir, modelar e conduzir os sujeitos a consumir novamente Costa e Andrade (2015).

Conhecer as possibilidades, discutir, analisar o conceito de Pedagogias Culturais e outros conceitos – ainda tão recentes no cenário brasileiro – dentro do campo dos Estudos Culturais, constitui um movimento necessário já que os estudos e pesquisas que os trouxeram até aqui têm a consistência teórica e empírica necessária para que se amplie e se gere ainda mais discussões nesse movimento fortalecedor desse conceito, entendendo que cada vez mais faz-se necessário pensar em formas de aproximar a pesquisa dos artefatos midiáticos que interpelam nosso cotidiano.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados que veremos a seguir são análises a partir da postagem permanente dos dois perfis analisados para a pesquisa que apresento nesse artigo. Compreendendo que os significados são construídos nas práticas sociais e nas interações sociais, mesmo que interações mediadas pelo computador, como as postagens nos destaques dos dois perfis analisados, conforme vemos a seguir. Começamos com o perfil 1, com as falas “sou farmacêutica por





formação”, “parei de trabalhar para me dedicar ao Vini (filho diagnosticado com TEA)” e, no Perfil 2, “eu sou autista, tenho 29 anos, virginiana, educadora popular, mãe, casada, apaixonada por bonés, ativista política”, ambos trazem características iniciais que as representam. As informações apontadas nos perfis visam uma aproximação com seus seguidores já que essas postagens são a porta de entrada dos perfis que têm o objetivo claro de divulgar, de ensinar modos de ser e de viver no mundo.

No trecho, “parei de trabalhar para cuidar do Vini”, Perfil 1, vê-se a mulher ocupar um lugar de sempre deixar de realizar seus próprios desejos em “prol das necessidades e do bem-estar da família”, o que também representa para os seguidores uma reciprocidade, pois, segundo alerta Ribeiro (2017, p.18), “a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar este que a confina num papel de submissão que comporta significações hierarquizadas”. Ainda no Perfil 1, nas falas “abri o Instagram para dar dicas de saúde, veio um livro, um curso para mães em fase inicial do diagnóstico, depois um curso de ABA”, observa-se que há um convite para aprender algo a partir da experiência declarada trazida nas informações do perfil, nessa estreita relação que tem a mídia com o consumo utilizando-se do espaço, *Instagram* para acessar os consumidores.

De acordo com Costa & Andrade (2015, p. 845), “diversificados espaços e artefatos culturais estão hoje implicados tanto nas formas como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas”. As identidades trazidas no Perfil 1 – quais sejam, “mãe, farmacêutica” e finalmente o trecho final que fala do diagnóstico “e em agosto do ano passado meu diagnóstico” – mostram que “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2022, p. 11).

Já no Perfil 2, os fragmentos “sou...ativista política, já dei uns rolês por aí... entre eles uma ida à ONU representando o @vndi.brasil falar sobre a realidade de “pessoas negras com deficiência” no Brasil”; “Sou uma das idealizadoras do vndi.brasil” e “uso esse *Instagram* para falar sobre raça, e deficiência e a realidade de uma mulher negra autista” intentam mostrar aos seguidores a representação de uma mulher que resiste, que luta por ela e por outros, na medida em que ela mesma deixa evidente que defende “pessoas negras com deficiência”; e também a representação de uma mulher que concilia família, trabalho e maternidade, uma vez que se define como os predicativos “casada, educadora e mãe”. De acordo com Ribeiro (2020, p. 20), “tirar essas pautas da invisibilidade e um olhar interseccional mostram-se muito importante para



que fuja de análises simplistas ou para se romper com essa tentação de universalidade que exclui”.

Ainda na apresentação do Perfil 2, os trechos “apaixonada por bonés” e “já dei uns rolês por aí”, ao se representar ou ao mostrar o que gosta, como traço característico da identidade, pode talvez ampliar o alcance para um público que não seja necessariamente aquele restrito que ela pretende alcançar, como, por exemplo, mães e pessoas com deficiência, pois, conforme Woodward (2014, p. 18), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”.

Ocupar o lugar de quem fala, ser autorizado a falar, expor suas experiências a partir do diagnóstico mesmo que tardio é um momento importante porque, conforme Gonçalves, Moreira, (2022, p. 520), “o diagnóstico é um momento de suma importância para a pessoa com TEA porque envolve compreensão e identificação, por isso, acarreta diferentes significados para a pessoa diagnosticada na infância ou na idade adulta. O diagnóstico se funda e se sustenta socialmente inclusive constituindo-se como importante lugar identitário”. Quando usamos um canal para contarmos nossas histórias, nossos relatos, como o *Instagram*, por exemplo, concedemos sentido ao que compartilhamos pela forma como embutimos emoções, valores e como narramos nossas histórias. Até como nos vestimos e como organizamos o cenário contribui como somos representados e representadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é pertinente deixar claro que esse trabalho contemplou apenas um pequeno recorte do mundo virtual, por isso há inúmeras possibilidades de delimitações de temas relativos a esse artefato cultural a serem investigados. Ao analisar o material, percebi recursos possíveis dentro daquele artefato que dão sentido às postagens, quando são escolhidos intencionalmente cenários, fotos e até frases estampadas em camisas em momentos nos quais alguma mensagem impactante deve ser apresentada. As frases de efeito empregadas pelas duas produtoras de conteúdo também são recursos valiosos para dar significado ao que elas querem representar, pois deixam claro que ali tem alguém forte, capaz de brigar por uma causa e de representar um grupo ou uma comunidade, ou até alguém que está sempre sorrindo em companhia da família, deixando claro que, apesar de tudo, a mulher consegue aguentar e sorrir. A forma como as duas se descrevem também tem um peso importante na narrativa já que no mundo virtual o recurso da descrição é valorizado.



Esta pesquisa, portanto, é relevante na medida em que contribui para a compreensão mais aprofundada das representações e da construção de identidades intermediadas pelas redes sociais, principalmente no que se refere ao tema central: representação de mulheres com diagnóstico tardio de TEA, entendendo que não se educa apenas em escolas, mas em diferentes espaços educativos, como as redes sociais, pois, como sabemos, mais que um campo de interação social, as mídias em rede *on-line* produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle desempenhado pela cultura a que estão submetidas.

## REFERÊNCIAS

- AHLGREN, M. Mais de 40 estatísticas e tendências do Instagram [atualização de 2024]. Disponível em: <https://www.websiterating.com/pt/research/instagram-statistics/>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- CAMOZZATO, V. C. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.39, n.2, p.573-593, abr./jun. 2014.
- CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H.; SOMMER, L. H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago 2003.
- GONÇALVES, A.V.; MOREIRA, L. C, de M. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p. 510-535, jul./dez.2022 – ISSN 2674-9483.
- HALL, S. **Cultura e representação**; Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu: tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.
- KOZINETS, R.V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- SILVA, T. T. da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.



SILVA, T. T. da (Org). **Identidade e diferença**: a produção social da identidade e da diferença. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SPADONI, P. Qual o seu tempo de tela? Brasil é um dos líderes do ranking mundial. <https://olhardigital.com.br/2023/04/25/internet-e-redes-sociais/tempo-de-tela-beira-10-horas-no-brasil/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

STEFEN, L. S; HENRIQUES, M. N. H; LISBOA FILHO, F. F. **Intercom - RBCC**. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. São Paulo, v. 43, n. 3, p.21-39, set./dez. 2020.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução histórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.